

A Esperança Engañada, de Manuel Fernandes Raia (1624)*

Sara Augusto
Universidade Católica – Viseu

Manuel Fernandes Raia, nascido e falecido em Viseu¹, deixou impressa a novela pastoril *Esperança Engañada*, publicada em 1624, com uma *Segunda Parte* impressa em 1629, compostas em castelhano². No «Prólogo ao Leitor» desta última obra, Fernandes Raia ainda anunciou um terceiro volume em que contaria o final dos sucessos do pastor Almeno, que não chegou a ser publicado.

Na licença com que autorizava a impressão de *Esperança Engañada*, datada de 1622, Frei Tomás de S. Domingos não encontrou «cousa contra nossa sancta Fé, ou bons costumes» e realçou a pouca idade de Fernandes Raia, admirando-lhe a maturidade com que apresentava «tanta variedade de Versos, e boa Prosa para entretenimento dos honestamente curiosos»³. No «Prologo ao Leytor», o próprio Fernandes Raia refere com a humildade esperada os seus poucos anos de vida

* Em homenagem do Prof. Doutor Jorge Osório, pelas descobertas, pelo incentivo e pela amizade sincera.

1. Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, III, Coimbra, Atlântida Editora, 1966, 263-264: «Manoel Fernandes Raya natural da Cidade de Vizeu donde passando a Coimbra estudou Medicina em que sahio eminente como também o foy na Poesia. Falleceo na sua pátria no anno de 1658, ao mesmo tempo que exercitava a Arte Medica. Compoz, e publicou no tempo que estudava em Coimbra». Inocêncio da SILVA nada acrescenta a estes dados: *Diccionario Bibliographico Portu-guez*. Tomo XVI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1893, 187-188.

2. *Esperança Engañada composta por Manoel Fernandes Raya natural da Cidade de Viseu. Dividida em cinco Livros. Dirigida ao Illustrissimo, e Sapientíssimo Senhor Dom André de Almada*. Em Coimbra, com as licenças necessárias. Por Diogo Gomez de Loureyro. 1624.

Segunda Parte de la Esperança Engañada Composta por Manoel Fernandes Raya Lusitano, natural da Cidade de Viseu. Dividida em seys Livros. Dirigida ao illustrissimo e sapientíssimo senhor Dom Álvaro da Costa. Em Coimbra. Com as licenças necessárias. Por Nicolau Carvalho. Anno 1629.

Existem exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa e na Academia de Ciências. Para o estudo da Primeira Parte, recorremos ao volume guardado na Biblioteca do Seminário Maior de Viseu, que em antiga catalogação (com projecto de ser revista) apresentava a cota B-1-46.

3. Esta licença De Frei Tomás de S. Domingos torna-se fundamental por outro aspecto importante, repetido sem conta nas aprovações da matéria pastoril: «tem curiosidades engenhosas que entretém sem dano espiritual de quem o ler, porque o estilo he honesto». Trata-se da fusão tão proveitosa para uma literatura exemplar, e sobretudo alegórica, do princípio horaciano do *prodesse* com o *delectare*.

e de experiência literária, agradecendo o amparo de D. André de Almada, professor de Teologia na Universidade de Coimbra.

A *Segunda Parte*, em que as licenças aparecem datadas desde 1626, retoma a excelência do estilo da obra, segundo as palavras do Doutor Frei Melchior d'Abreu⁴, e Fernandes Raia, no «Prologo ao Leytor» joga com o próprio título da sua novela: «Com a primeira Parte deste Livro determinava Leytor curioso desenganar tambem minha esperança, deixando pera animo mais desocupado o exercicio das Musas, e rematar com aquella outras mocidades em que gastei a melhor parte da minha (...)».

Neste estudo, vamos ocupar-nos sobretudo de alguns aspectos que desde o início chamaram a nossa atenção aquando da leitura da primeira Parte da *Esperança Engañada*, o primeiro volume da história de Almeno e de Isbela, as primícias dos escritos pastoris de Manuel Fernandes Raia. Contudo, o estudo da possibilidade da leitura alegórica forçosamente implicará uma transição para a *Segunda Parte* da novela, publicada em 1629, embora já estivesse disponível para leitura dos censores a partir de 1626.

1. O primeiro aspecto do nosso interesse por esta novela tem a ver com um procedimento que acompanhou o desenvolvimento do género pastoril na literatura portuguesa: a adequação do espaço e da natureza bucólica da Arcádia, já transformados em tópico pela longa tradição pastoril, ao espaço também ele descrito bucolicamente da paisagem portuguesa. Com o exemplo dado pela trilogia de Rodrigues Lobo, com as deambulações do protagonista pastor Lereno das margens do Lis e do Lena às praias do Tejo, os pastores da ficção pastoril cantaram as suas queixas amorosas por margens bem conhecidas.

Assim também fez Fernandes Raia, ao eleger as terras de Viseu, os montes da Serra da Estrela e o pequeno rio Pavia, «amoroso e manso», como espaço da sua narrativa⁵. Interessou-nos esta preocupação do viseense em querer imortalizar a sua pátria, ao fazê-la também pátria de pastores elegantes e cortesões, poetas e sábios na arte de amar e de sofrer⁶; mas sobretudo nos chamou a atenção o facto de a escolha de um espaço bem determinado implicar uma conversão das constantes do tópico da natureza bucólica. Esta adequação levada a cabo no Primeiro Livro implicou uma descrição da natureza pouco usual e marcada por uma necessária verosimilhança. Esta necessidade foi tão fortemente sentida na novela pastoril portuguesa, que nem a obediência ao código pastoril pôde impedir que acontecesse com regularidade.

4. Diz o seguinte: «(...) assi se lhe pode dar licença pera se imprimir, porque será muyto agradável a todas as pessoas curiosas, assi porque a obra tem maravilhoso estilo, como tambem, porque o Autor a vay seguindo com a devida cautella, primor, e arte excellente, e com singular artificio, e Poesia».

5. O rio Pavia nasce na Serra da Muna, na freguesia de Campo, concelho de Viseu, desaguardo no rio Dão, também ele afluente do Mondego.

6. No «Prólogo ao Leytor», entre outros, também o desejo da glória da sua «pátria» é referido: «Bastante desculpa me parecerá pera entregar este rediculo parto de meu ingenho às censuras do mundo, mostrar que em idade de 21 annos furtando as occupações do estudo algũas horas, cantei com frauta rustica a humilde historia destes pastores, que atemorizados com o monstro da inveja tive ategora enserrados no profundo silencio de suas cabanas, & ja determinados a cavar em seus naturais montes a sepultura. Mas ainda considerado quanto todos desejão a gloria da pátria, & avendo tão raros engenhos na minha, falta quem se aventure a mostrar em theatro publico o que não tem preço escondido; quero como mais humilde ser o primeyro em que quebre a furia da murmuração, que ao menos quando tudo se me reprove, fica sempre em salvo o bom zelo com que me atrevo, & senão favorecidos, desculpados os erros deste livro, que não quisera imprimir, conhecendo o muito a que se arisca quem procura passar por eses trances; mas descobrindo hum sogetto tão alto, que dignandosse de favorecer as flores de valles umildes mas ampara, como novo animo (porque de todo as não seque o tempo) me aventuro a mostralas. Vale».

O início da novela situa convencionalmente o espaço e os protagonistas, desenhando um «deleytoso Pavia», coroadado de esmeraldas, «arroyo manso, fresco, y el más alegre de todos los vicinos valles», onde tinha sua cabana o «discreto pastor Almeno» e onde Isbela, a pastora «la más perfeta, y hermosa», apascentava o seu gado⁷.

Os sinais da adequação do universo bucólico pastoril à natureza beirã vão-se instalando, dominando este primeiro Livro: era por «pedregosas serras» que Isbela seguia o seu gado na companhia de outros pastores; ao chegar à cabana, acendia-se e alimentava-se a fogueira para afugentar «la fria humedad que desde el cielo por el humilde techo de la cabaña entrava»⁸; não faltavam «sazonadas castañas de que la sierra es abundante, y varias frutas com que satisficieron a la naturaleza»⁹; e os lobos desciam às aldeias, esfomeados, quando «la nieve cobria los campos y los arboles amaneçían plateados com los blancos copos», «buscando al ganado hasta los corrales»¹⁰. E pela manhã, «porque el namorado Cephalo esperaba su querida aurora pera darle los buenos dias, quisieron lavar los sonolientos ojos, pero allaron los liquidos cristales de una fuente en claros diamantes, y graciosos obeliscos el agoa que della se despeñava»¹¹.

Mas não era o frio da Serra que impedia o habitual *otium* pastoril, antes o favorecia:

(...) las nubes bueltas velos de lana cubrian el cielo, y a los campos plateada nieve, no determinaron hechar fuera el ganado que aterido en los rediles uno con otro se calentaza: este riguroso frio enciendia el fuego en los enamorados pastores que otras cosas no dizian que sus amorosas historias y bien fundados desseos¹².

A natureza invernosa serviu também de pretexto para o canto amoroso. O soneto de Tireno, invocando a neve fria e o céu enlutado, encontrou na beleza dos olhos de Isbela o nascer de um novo astro, comparando-os à luz e ao calor do sol¹³.

Los campos llenos de la nieve fria
 Oscuro mira y enlutado el cielo,
 Muere el ganado de pura hambre y yelo,
 Huyó la noche, y no parece el dia.

La tierra esconde aquel que le vestia
 (Gusto a los ojos) verde y claro velo,
 Llena la gente de mortal recelo
 De sol espera yá la luz tardia.

Su nevado candor esconde el alva,
 Phebo con Thetis en el mar reposa,
 Si estás despierta Isbela sale luego,

Que en tus ojos al mundo dando salva
 Haran los rayos de tu luz hermosa
 La noche dia, y la nieve fuego.

7. *Esperança Engañada*, 1-2.

8. *Ibidem*, 6.

9. *Ibidem*, 6.

10. *Ibidem*, 9-10.

11. *Ibidem*, 25.

12. *Ibidem*, 25-26.

13. *Ibidem*, 26-27.

Com o livro Segundo, já terminara o Inverno e, em tempo de Primavera, o narrador descreve uma natureza bucólica mais estilizada, associada a um tempo de festa e de celebrações pastoris: «reverdecian los arboles, vestia el campo su verde manto matizado de las varias flores que suele en la plasertera primavera brotar la tierra. A los valles en el invierno desnudos, cubrían verdes, y enamoradas hojas, los calvos montes se reyan, y los pastores alegres, con más gusto pisaban las selvas, y con nuevos e concertados trajes honrravan sus juegos»¹⁴.

Desta natureza codificada faz parte o rio Pavia, um dos elementos locais mais significativos da novela. A sua valorização passa por uma descrição segundo os mais puros modelos da Arcádia, mas passa sobretudo pela sua integração no universo mítico pastoril¹⁵. Ainda no Livro Primeiro, o velho pastor Laurêncio, pai de Isbela, contou a história do rio e da metamorfose que lhe deu origem: o filho da ninfa Paphia, de quem um «espantoso satyro» se tinha rendido amorosamente, perdido de impossíveis amores pela própria mãe, arrojou-se de um alto rochedo, convertendo-se o seu sangue em neve derretida e esta em mansa ribeira, a que a ninfa deu o seu nome¹⁶.

Para além da curiosidade que representam estes processos de adequação local, correspondendo a um espaço geográfico bem determinado, o procedimento permite também perceber como a novela de Fernandes Raia se insere num jogo de permanências e inovações, característico da novela pastoril maneirista da literatura portuguesa, cumprindo o código instituído, mas incluindo elementos novos na narrativa¹⁷.

2. O segundo aspecto deste estudo relaciona-se com a presença da alegoria. Tendo em conta as duas vertentes que a novela pastoril portuguesa apresenta como modelos, a trilogia de Rodrigues Lobo (1601-1618) e a *Lusitânia Transformada* de Fernão Álvares do Oriente (1607), que mercê da conversão do universo profano pastoril ao divino implica uma passagem mais rápida para a novela alegórica barroca, a *Esperança Engañada* de Manuel Fernandes Raia assume contornos bem tradicionais, apresentando a realização alegórica própria das novelas pastoris. Trata-se de uma presença que não pode ser encontrada estruturalmente, como acontecerá na literatura barroca, mas que se impõe sobretudo ao nível temático, quando o leitor se interroga sobre o sentido da história¹⁸.

14. *Ibidem*, 64.

15. As novelas pastoris apresentam recorrentemente episódios de clara influência ovidiana, compondo metamorfoses ou reproduzindo mitos clássicos. A construção deste universo mítico faz parte da codificação do género pastoril.

16. *Esperanza Engañada*, 56-57: «Fue este monte en outro tiempo habitado de lascivos satyros, y hermosas Oreadas que yá en las fuentes, yá en las cóncavas peñas hazian su rustico alverge. Una que en hermosura igualava la de Venus no queriendo este nombre se llamó Paphia otro titulo de la diosa tomado de una isla. Esta o con labores, o con alegre, y no trabajosa cassa engañava los dias, ora labrando rusticas y amorosas historias, ora con el presto arco matava la temerosa liebre, una tarde fatigada de exercicio junto a un arroyo gozaba de su frescura, quando atraída de la sed llegó adond estava una ligera corsa. Codiciosa la Nympha, cogiendo el arco, teñió de roxa sangre las varias flores, y siguiéndola herida por incultos montes, y levantadas peñas dio de rostro con un espantoso satyro, que desando la cassa que avia tomado hazió amorosamente della. Muchos dias, cuentavan los pastores más antiguos desta sierra, que estuvieron los dós en la gruta de una grande peña, donde al fin de mucho tiempo uvieron un hijo (que criado) lo que enamorava com la hermosura de rostro, espátava con la grandeza del cuerpo, este se perdió de amores por la bella Paphia su madre, y dio en tan notable locura que por las muchas vezes que la nombrava sabian los paxarillos su nombre, y a los ecos avia enseñado sus amores, vió el desesperado amante imposible el fin dee su esperanza, y en presencia de la nimpha se arrojó de una peña, donde hecho pedaços se convirtió la sangre en derretida nieve, dando principio a nuestra deleitosa ribera a quien la hermosa Nympha puso su nombre co causa della: corrompyosse el vocabulo, e le llamaron Pavia, como le nombramos, donde no és mucho que se oigan en sus campos sentidos sospiros, y desatinados amores, que sus agoas infunden amor, y encierran fuego».

17. Sobre a novela pastoril portuguesa e as inovações que ela apresenta, cf. Roberto MULINACCI, *Do Palimpsesto ao texto. A Novela Pastotil Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri, 1999.

18. Northrop FRYE, *Anatomy of Criticism. Four essays*. 3ª ed, Princeton-New Jersey, Princeton University Press, 1973.

Assim, numa escala da alegoria, a novela pastoril pode ser colocada numa realização alegórica de nível médio, uma vez que apresenta estruturas poéticas de insistente interesse doutrinal, em que as ficções internas funcionam como *exempla*, mas sem uma construção contínua, estabelecendo apenas uma relação implícita com factos e com ideias¹⁹.

Todas as novelas pastoris apresentam esse grau médio de alegoria, que advém da sua extrema codificação e que inclui o tratamento estilizado não só das categorias do tempo e do espaço, mas também das personagens, e que exige uma leitura interpretativa que dê conta dos sentidos oferecidos por uma realização narrativa codificada. Um exemplo: o desenho das personagens pastoris, sem qualquer tipo de individualização física, realçando virtudes como o engenho na arte poética e na arte de amar, leva-nos a interpretar a suposta rusticidade como disfarce e como estratégia ficcional²⁰.

Curiosamente, esta novela é a única, no conjunto da novelística pastoril, que demonstra alguma preocupação com a descrição física individualizada. A caracterização psicológica é a mais estilizada possível: o pastor-protagonista apresenta-se como exemplo de comportamento na relação com os pastores seus companheiros, capaz de um discurso poético elegante e mesmo elaborado, e com a sua amada pastora, mostrando-se extremamente dedicado e discreto. A esta excelência corresponde então, pela primeira vez, a descrição física de algumas personagens. É o caso de Almeno e Finizo, quando se encontram pela noite, só de manhã se podendo observar um ao outro:

(...) levantaronse los nuevos compañeros si antes satisfechos solo de las palabras, entonces contento cada uno con la vista de su amigo, porque era Almeno de mediana estatura, agraciados y verdes los ojos, la color no muy blanca, el cabello castaño y blando, prefeto y bien puesto. Era Finizo de menos años, pero bien tirado, blanco del rostro, el cabello negro, las sejas negras e espesas, dotado de todas buenas partes, que para un hombre se requieren²¹.

Uma das manifestações mais imediatas da alegoria reside na apresentação de estruturas visuais, descritas pelo narrador. Usualmente trata-se da representação de quadros e motivos alusivos à celebração festiva pastoril em que se integram, implicando grande riqueza descritiva e de pormenori-

Cf. o primeiro ensaio, «Historical criticism: theory of modes», 33-67. Sobre os «modos temáticos», N. Frye é muito claro quanto à presença alegórica: «When a work of fiction is written or interpreted thematically, it becomes a parable or illustrative fable. All formal allegories have, *ipso facto*, a strong thematic interest, though it does not follow, as is often said, that any thematic criticism of a work of fiction will turn it into an allegory (though it may and does allegorize, as we shall see). Genuine allegory is a structural element in literature: it has to be there, and cannot be added by critical interpretation alone».

Se chamarmos tema «a tudo aquilo que é elemento constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto» (Álvaro Manuel MACHADO e Daniel-Henri PAGEAUX, *Da literatura comparada à teoria da literatura*, Lisboa, Edições 70, 1988), percebemos a sua função estruturante, mediadora e fundadora, como princípio produtor do texto. Assim, o texto enquanto desenvolvimento de um tema pode potencializar a interpretação alegórica.

19. N. FRYE, *Anatomy of Criticism...*, 91.

20. Na Dedicatória a Dom André de Almada, Fernandes Raia demonstra uma consciência clara deste artifício literário que constitui a figura do pastor da novela pastoril: «Outra vez determinarão estes pastores deixar os humildes valles que habitavão por não ficarem sepultados seus pensamentos nas entranhas dos montes, onde só não perdem o preço, mas também a estima. Agora que os vejo resolutos ainda que desenganados do que buscão, tenho por melhor acerto (quando o aja nesta mudança) disfarçallos no trage, & lingoa, porque conhecendosse sua rudeza, ao menos se ignore o sogeito della».

21. *Esperança Engañada*, 150. Também pouco usual é a descrição das pastoras, como acontece com uma das personagens femininas: «era la bella Menga más blanca que la escarchada nieve, o luziente marphil, y en cada mexilla le puso la maestra naturaleza (que sobervia mirava en ella la suma de su perfeccion) dos encarnadas rosas, que engastadas en el blanco de su frente davan imbidia a las com que el aurora se corona, los ojos eran verdes, las cejas delicadas, y no muy negras, los cabellos castaños en cuyas ondas se recreava Venus en su concha, y era su querida Chipre sus bellos ojos, donde burlando amor, matava de veras aquién la mirava», *ibidem*, 195.

zação, capaz de fazer visualizar ao leitor espaços e personagens míticas e fantásticas. A sua presença é uma constante das novelas pastoris, praticamente fazendo parte da sua codificação. Assim, no início do Livro Segundo, com a vinda da primavera, o casamento da pastora Melibea foi motivo para grandes e alegres festejos. Entre danças e cantos, o narrador descreve uma estrutura móvel: era uma representação do monte Parnaso, aos pés do qual nascia uma fonte cristalina rodeada das nove Irmãs, onde Apolo, acompanhado de muitos poetas, se dispunha a responder às perguntas que os pastores lhe colocassem.

Apesar do pormenor descritivo, trata-se de uma das estruturas mais simples da novelística pastoril maneirista, pois estas representações tendem a apresentar sequências de quadros muito mais abundantes, complexos e obviamente alegóricos, no sentido em que são a concretização de conceitos abstractos e são a figuração de momentos históricos e mitológicos ou de casos exemplificativos.

3. A perspectiva alegórica pode ser encontrada de forma mais ampla no desenvolvimento do enredo e na forma como este concretiza o pressuposto apresentado pelo título atribuído à novela, a *Esperança Engañada*. Assim, para além do conhecimento do enredo, o leitor pode interrogar-se sobre o sentido que determina o desenrolar dos acontecimentos. É nesta interpretação, que implica uma visão mais ampla para além da percepção imediata da intriga, que podemos fundar a presença alegórica. Deste modo, tomando-se a ideia condutora da narrativa, de que o título pode ser um indicador visível, a história ou os vários fios da história podem ser entendidos como realizações concretas do pressuposto orientador²².

O tema do engano que frequentemente constitui a esperança amorosa não é um tema inovador no âmbito da ficção pastoril, muito menos da ficção maneirista, fazendo parte do acervo temático destas narrativas. Se é a esperança que alimenta o sentimento dos pastores e comanda a sua perseverança, ainda assim o sentimento dominante, mormente com os protagonistas, é de uma profunda desesperança e de consciência da vanidade da luta contra o tempo e contra os desfavores da fortuna.

Nesta novela, o tema do engano amoroso concretiza-se de duas formas complementares. Em primeiro lugar, o fio narrativo principal, que envolve o discreto pastor Almeno e a perfeita formosura da pastora Isbela, conduz à figuração do mais puro desengano, primeiro num desterro e numa solidão voluntariamente procurados, e depois pela (suposta) morte do protagonista com que termina a primeira novela. Em segundo lugar, a estrutura narrativa, marcada por um constante movimento entre a esperança e o engano, implica o desenvolvimento de outros enredos complementares e a multiplicação de níveis narrativos. Este conjunto de segundas e mesmo de terceiras narrativas, de carácter analéptico, servem de forma exemplar o esclarecimento de factos e a surpresa das coincidências, aspectos que mantêm o leitor atento ao desenrolar dos acontecimentos.

Como exemplo destas duas formas complementares, tomemos dois fios narrativos diferentes, que constantemente se entrecruzam, apesar de se encaminharem para um final diametralmente oposto: a história de Almeno e da sua Isbela e a história de Arsinda e de Doristo.

Começemos com os acontecimentos relativos a Arsinda. A composição do seu campo narrativo envolve um considerável número de personagens e uma movimentação complexa e irregular, entre desmaios e choros de alegria, conforme se vai desesperando e novamente recobrando alento.

22. Exemplo visível deste procedimento é a novela de Manuel Quintano de Vasconcelos, a *Paciência Constante*, de 1622, embora o processo possa ser encontrado em quase todas as narrativas pastoris.

Filha de Cláudio, conhecido na cidade pela nobreza e pelos bens de fortuna, Arsinda fugira e fora levada e deixada na aldeia, ao cuidado de Isbela, pelo seu amado Doristo, quando seu pai a pretendia casar com o também rico e nobre Ricardo. Passado algum tempo, tendo pedido a Almeno que soubesse novas de Doristo, o pastor regressa da cidade «descolorido, triste y melancólico»²³, lamentando ser o portador das mais tristes notícias: que vira Doristo atravessado de uma lança e deixado como morto pelo seu inimigo Ricardo.

A reacção de Arsinda é de extremo sofrimento, lamentando a morte do seu amado, perguntando-se num murmúrio angustiado: «Este és el fin de mis tan bien fundadas esperanças?»²⁴. E sem esperança de vir a ser resgatada pelo seu amado da rústica aldeia, Arsinda parte sem destino, deixando a companhia dos pastores.

É apenas o primeiro capítulo de uma história tortuosa e inesperada. Ainda a aldeia comentava a lastimosa história dos amores de Arsinda, quando surge Doristo, depois de longo tempo de custosa recuperação do confronto com Ricardo, a procurar a sua amada que deixara com Isbela na aldeia. A consternação de Almeno e dos pastores é profunda e mais sentido ainda é o discurso de Doristo, ao saber da partida de Arsinda, desesperada depois da suposta morte do seu amado:

(...) donde te buscaré que no me persiga el destino? Donde vás tierna e cortada flor de mis esperanças: cuyo esperado fruyto a un no quiere ser la muerte. Yó revolveré los montes, y más intrinca dos bosques por tu hermosura, y passaré los profundos mares por el rico tesoro de tu frente²⁵.

E também Doristo partiu à procura de Arsinda, resoluto e disposto a contrariar o destino castigador e injusto.

O seguimento do fio narrativo implica agora a história de Almeno, uma vez que, em vários momentos, a narrativa cruza os destinos deste pastor e de Arsinda. Assim, à partida dos dois amantes desencontrados, sucede-se o episódio que motivou também o desterro de Almeno: o velho Laurêncio resolveu casar a filha com o rico pastor Alcino, quebrando pela raiz as esperanças amorosas de Almeno com a pastora Isbela²⁶. Sabendo da determinação do velho pastor e não querendo ferir ainda mais Isbela com a sua presença, Almeno resolve partir da aldeia e seguir sua fortuna.

No seu caminho faz amizade com Finizo e, tomando o caminho da cidade, embarcam como soldados numa grossa armada que partia para a Flandres. Uma tempestade provocou o naufrágio do galeão e os dois companheiros acabam por se perder de vista. Refugiados numa ilha, ainda

23. *Ibidem*, 124: «Plugiera al cielo, hermosa Arsinda, que al primer passo que dy fuera de vuestros ojos, mis pies se buelvieran raíces, y mi cuerpo un robusto tronco destes arboles, no querais saber la ocasión que a vezes es vida al engaño no saber su engaño».

24. *Ibidem*, 126: «Referiendo Almeno el cruel desafio, cayó Arsinda sobre los braços de Isbela con un mortal accidente, y al fin de una hora volvió tan difunta, y por tal la tenían los pastores, que quasi no podía formar las palabras, y con voz sumida e baxa dixo. Este és el fin de mis tan bien fundadas esperanças? Este fue dulce, y regalado esposo mio el fruto de tus amores? Ay como sustengo la vida en tu muerte? Como la union de nuestras voluntades al defasirse no llevó consigo el alma que tanto a pezar del cuerpo conmigo queda? Viviré sin tí? No es justo; matareme? No que tengo alma; pues que haré si eres solo el bien, donde todo el de mi pecho consistia?»

25. *Ibidem*, 131-132.

26. *Ibidem*, 137: o velho Laurêncio deu a notícia de «como tenia casado a su hija Isbela con un pastor llamado Alcino, rico, que por la fama de su hermosura de una vesina aldea veniera pedirla. Ninguno dio repuesta al venerando viejo, tanto quedaron todos admirados del repentino acuerdo que tomara, Almeno se mostró mas valeroso que impaciente enamorado, pues eran poderosas aquellas palabras a deshacer un roble, y quebrar un diamante, todos le vieron descolorido, y triste, no menos a sua querida pastora que con graciosos ojos le miró llorosa de tan injusto casamiento, algun consuelo tuvo el pastor, viendo a Isbela discontenta con las nuevas que su padre para tanto mal lhe dava: y no tenia tanta pena, viendo la enternecida con la suya».

socorrem um náufrago que Almeno logo reconheceu: era a Arsinda, disfarçada de soldado²⁷, que reage efusivamente à notícia de que o seu amado Doristo vivia e que a procurava por todo o lado. Por outro lado, também Almeno tem razões para se alegrar: o sábio Artidoro viu nos astros a morte do velho Laurêncio, estando novamente Isbela livre no seu amor.

O desenvolvimento narrativo está constantemente marcado por este efeito de coincidências inesperadas e mesmo insólitas, que não tem de estar subordinado à plausibilidade, à coerência ou a relações de causalidade, cumprindo o pressuposto orientador da esperança e do engano. Já o recurso à astrologia e às artes do sábio Artidoro, considerando a presença da magia na narrativa pastoril, tornou-se uma presença discutida e aceite de formas substancialmente diferentes nas narrativas portuguesas do género pastoril. Fernandes Raia não viu inconveniente em recorrer ao saber dos astros, nem parece que a Censura, além de ter demorado dois anos em conceder as devidas licenças, tenha implicado com a força da arte de Artidoro, dominador de feras, conhecedor dos céus e dos signos do Zodíaco, que permitiu a Almeno contemplar, por entre um súbito torvelinho, as exéquias do velho Laurêncio, pai de Isbela:

(...) el Sabio se entró con el en un oscuro quadro, y después de leer por un antiguo libro con voz ayrada y tremula dixo deste modo. A ti negro Plutón del escurecido Reyno con las infernales furias, cuyas mal peynadas culuebras atormentan los tristes condenados, a ti Cervero guarda del cruel Cocito, viejo y señijozo Charon antiguo barquero del Estigio lago y señagozo Flegeronte, y a vos Eaco, Minos, y Radamanto rigurosos juezes de la escuridad eterna con las fieras legiones que regis os conjuro una y otra vez que apezar vuestro deseéis la escura prisión, y con presto movimiento vĕgais a obedecerme, sinó os heriré con luz aborrecible. En diciendo el Sabio viejo estas palabras començó a temblar la tierra, y el oscuro aposento como aruynado rugia, luego un arrebatado torbellino de viento, entrando donde estavan los alçó por el ayre vano, y con increíble velocidad los llevó, passando los profundos mares de que Almeno temblava, hasta su aldea, poniendoles sobre un ameno valle bien conocido, y mejor celebrado del en otro tiempo; poco espacio estuvieron que no viesen que llorando la notable muerte del viejo Laurencio padre de Isbela passavan coronados de fúnebres ciprestes, a celebrar suas exequias, muchos pastores, contando unos a otros las ocasiones della, por la desobediencia de su hija, y deshecho casamiento con Almeno²⁸.

Com estes acontecimentos, renascem as esperanças já cansadas de Arsinda e de Almeno, que, agora, anseiam por regressar e cumprir os seus amores. E acontece o segundo desengano da Fortuna.

No regresso, Almeno reencontrou Finizo que lhe conta como tinham caído em poder dos mouros e foram recuperados por uma armada cristã. Mas nem todos partilharam de tanta sorte, pois os mouros conseguiram escapar com alguns cristãos, entre eles um galhardo moço, de nome Doristo, «que surcando los mares, rebolviendo la tierra, buscava los amores de una pastora, cuya esperanza le trahia desesperado»²⁹.

E Arsinda tem por morto uma segunda vez o seu amado e «por ruegos de los dós, no se descompuso más aviendo por muerto segunda vez a su Doristo, yá se arrepentia de salir de aquella

27. *Ibidem*, 161: «Despues que sin compañía sali de aquellos agradables montes, consideré llorando es estado de mi persona, el riesgo que mi honor corria en tan dudosa peregrinación, y mugeriles trajes, al fin de dós jornadas compré este vestido con que estoy, y en un puerto, como mi intención no era otra que acabar la vida tan lexos de mi patria, como del remedio de mi pena, al fin de dós mezes me embarqué assentando plaça en una compañía que pasaba a Flandes de guerra, y por dar fin a la mía, desprece con animo fuerte todas las dificultades que se me representavan, imaginado dar remate a la miserable vida».

28. *Ibidem*, 177-178.

29. *Ibidem*, 183.

soledad que dexara teniendo por cierto que los bienes del amor, aunque luzen de lexos, se buelven viento en las manos»³⁰.

Quando chegaram ao porto, «con lagrimas y abraços, se apartaron cada uno por su camino, Arsinda buscando un lugar solitario, donde diesse remate a su peregrinación. Finizo procurando con agenos males consolar los suyos, y Almeno irse a su aldea, que el verdadeyro cuidado, solo en su natural centro alla descansó»³¹.

Foi com renovada esperança que Almeno chegou à aldeia, confiante nos votos amorosos de Isbela, mas só encontrou o choro e a tristeza pelo recente acontecimento: Isbela fora raptada por um grupo de homens a cavalo. A reacção de Almeno foi de profundo sentimento e mágoa: «No fuera más justo, desventurado Almeno, que te serviera el mar de honrrada sepultura? Que escapar de su braveza para sentir tan desestrada vida? Que inconstantes son los hados? Que necios los que fian del tiempo»³².

As suas esperanças não voltarão a ser renovadas³³. Tendo deixado a aldeia, encontrou no caminho a própria Isbela que lhe contou como fora raptada por Ricardo, que a confundira com Arsinda, e como este, cativo da sua formosura, casara com ela. Em extremos de dor³⁴, tristemente desenganado³⁵, Almeno partiu e determinou «acabar los días que el cielo le concediese amarga, y solitariamente, saliosse luego de aquella parte, encaminando el passo para mas remotas tierras, donde la memoria de sus males le atormentasse menos, engaño de todos los amantes»³⁶.

Neste momento da narrativa, as histórias de Almeno e de Arsinda estão marcadas por um constante movimento para a desesperança e para o desengano, ambos procurando um destino solitário para sofrer as suas mágoas. Mas é a partir desta altura que os seus destinos vão divergir, comandados novamente pelo acaso e pela coincidência.

No caminho para o seu desterro, Almeno não teve dificuldade em reconhecer Doristo quando ouviu as mágoas do seu canto³⁷. O pastor, que sabia toda a história dos seus desencontros e das

30. *Ibidem*, 183.

31. *Ibidem*, 184.

32. *Ibidem*, 189-190. E Almeno volta a partir, «que siguiendo su camino con la menor memoria de sus males se desmayava, bolvióse tristísimo, que entonces se sientem más los daños nacidos de esperados bienes. Caminava solo Almeno considerando sus passos llenos de mil desventuras, y montes de imposibles, corta el remedio de su robada prenda, contemplando los varios cursos, y mudanças del tiempo, la inestabilidad de la fortuna, ayudado de las parleras aves, que davan salva al día, yva cantando estes versos», *ibidem*, 190-191.

33. *Ibidem*, 202: Com a luz da alva, «levantosse Almeno y estendiendo los ojos vió cercada de avellanos, mirtos, y jasmínes, una agradable fuente com graciosos, y polidos asientos, fue lavarse en ella, y sientandosse se recreava en mirar el deleitoso citio, la variedad de frutos, y arboles que alli avia. No tardó mucho que por un camino de espinosos rosales coronado, que a la fuente encaminava, vió venir una muger, costosamente vestida, como el día hermosa, y como la noche triste, no quitó los ojos della hasta certificarse, que a no ser su Isbela, era alguna phantastica sombra, no creya con todo a sus desseos, que aquello que deseamos se nos figura muchas vezes».

34. *Ibidem*, 204: «Aqui llegava com su cuento Isbela, quando de un mortal accidente cayó el pobre Almeno com tantas lágrimas que fueron bastantes a bolverlo a su acuerdo».

35. Estando Ricardo presente, Isbela omite a identidade de Almeno, dizendo apenas que se trata de um pastor da sua aldeia, o que leva ao lamento sentido do Pastor: «Que es tal mi ventura, señora mia, que vengo allarte donde no puedo dezir quien soy? No eres tu aquella que en los alegres montes con tu vista, del aprazible Pavia, me querias? No eres aquella que me prometiste verdadera fé a pesar del tiempo? Pues como me pagas el amor puro, y honestos pensamientos, que siempre en mi corazón viste?», *ibidem*, 205. E Almeno despede-se: «quedate a Dios, que yo sabré matarme, o buscar instrumento de mi muerte, dame (si la quieres bolver vida) por ultimo sabor tus braços. Yá no puedo, respondió Isbela, que no son mios, el alma te doy que te hará compañía en tu rigorosa vida. Viendo el miserable pastor que hasta los braços le negava quien tanto le quisiera, se levantó del lecho, donde estava acostado, y deshaziendosse en amorosas lagrimas, zelosos sospiros, se apartó della, no acetando algunos offerecimientos que para el camino le hazia», *ibidem*, 205-206.

36. *Ibidem*, 206.

37. *Ibidem*, 206: «Muchos dias passaron que ando llorando, subiendo los altos montes, e paseando los llanos sin pro-

suas supostas duas mortes, deu-lhe notícias de Arsinda e do casamento de Ricardo com Isbela, fazendo-lhe saber também da morte de Cláudio, clara ironia da fortuna. No encontro com Arsinda, que encontraram suspirando versos “que enamorava los arboles, y enternecia las piedras”³⁸, as palavras sentenciosas de Almeno podiam ser inscritas no código da filosofia pastoril:

(...) dexame solo señora con mi tristeza que yó la sabré llorar, de espacio, quiero darte nuevas de tu bien, que si desconfias del tiempo, sabe que el mismo es justicia del fiel amante, aunque tambien aspera penitencia, de quien, ama esperando³⁹.

No fim do Livro Quarto, o próprio narrador termina com um contraste bem vincado entre a alegria das esperanças cumpridas, como prémio devido a uma paciência constante e à fidelidade amorosa, e a solidão da esperança enganada de Almeno:

No os quiero pastores del sacro Pavia, pintar los amores que en aquel ajuntamiento se dixieron, las lagrimas, y suspiros nacidos de honestos pensamientos, y afficiones puras, que a la tristeza, y sentimiento de nuestro Pastor, quedaron muy cortos. Para sus patrias se partieron todos, queriendo llevarle por fuerza, però de ninguna manera quizo renovar sus males, con la vista del aldea, parte del tragico instrumento de su miserable estado. Con sentidas, y tiernas palabras, estrechos y amorosos abraços, se despedieron del, haziendole largos offerecimientos, y partiéndose llorando de aquellas soledades, no apartando los ojos del desdichado Almeno, que pareciendo otra, sientado en una peña, les estava mirando, pezados de lagrimas sus vestidos, como si lloviera⁴⁰.

Depois do seu canto de profunda tristeza, «se levantó de donde estava, metiendosse por el espesso bosque, dó esperava que el tiempo cubriesse de olvido a sus passadas desdichas, o le acabasse la vida, porque a un verdadero amor, quando no es poderoso el tiempo, solo la muerte lo aparta»⁴¹.

Podia acabar aqui a história de Almeno e da sua *Esperança Engañada*, num final que relembra o celebrado e infeliz pastor Lereno, da trilogia de Rodrigues Lobo, o «desenganado» e a sua vocação para o infortúnio⁴². Mas a novela possui ainda um último livro, o Livro Quinto, que amplia a história através de mais um conjunto de miraculosas coincidências que conduziram à morte de Ricardo, deixando Isbela viúva e novamente sozinha.

Nesta última parte, os ecos do desengano ultrapassam claramente a melancolia maneirista, insistindo numa contemplação da morte como fim definitivo de vãs esperanças e como efeito irremediável do tempo. Por insistência dos pastores, Isbela determinou voltar à aldeia e favorecer o desesperado Almeno. Vão procurá-lo então no seu lugar de solidão para avisá-lo de tão feliz sucesso, mas chegam tarde: o epitáfio e a sepultura coroada de ciprestes claramente lhes mostram a morte de Almeno⁴³, o cantor mais excelente do Pavia, manso e amoroso ribeiro.

Nas margens do rio, entre os bosques e o canto das aves, a tristeza sentida pelos pastores marca o final da novela, reforçando um dos temas com mais sucesso na literatura barroca, o desengano:

vecho, hasta que una tarde, desando Phebo su coche, se recogió a una espesura, donde en la mayor altura de la noche oyó cantar, lo que se sigue».

38. *Ibidem*, 217.

39. *Ibidem*, 219.

40. *Ibidem*, 221-222.

41. *Ibidem*, 224.

42. Cristina Almeida RIBEIRO, «A vocação do infortúnio: Lereno entre sonho e desengano», *Românica*, números 1-2 (1993), 37-47.

43. *Esperança Engañada*, 258.

«en vano un desdichado busca la ventura, pues quando llega un pequeño bien, que costó mucho, no alla con vida a quien en ella, por alcanzarlo, se desveló tanto»⁴⁴.

4. A *Segunda Parte*, uma vez que implicou a continuação do estudo da «esperança enganada» de Almeno, teve de inflectir o destino do protagonista, apresentado como desaparecido do mundo dos vivos, na impossibilidade de resistir à dor do desengano solitário. Este foi o primeiro problema que Fernandes Raia teve de resolver: como trazer novamente Almeno ao mundo dos vivos?

No Livro Primeiro, o narrador conta como do outro lado do vale escolhido por Almeno,

(...) habitava un Sábio encantador famoso: donde consultava las estrellas, sin que hasta su tiempo nadie dellas supiesse tanto, tan diestro en la Astrologia, que media el Cielo à palmas. Este alcanço mas que Tholomeo, escrivio mas que Sacrobosco, y afrento las medidas de Vitrubio, venciendo en el conocimiento de las yervas magicas Circes, y Medeias, com cuyas facultades raras alcanzando el miserable estado a que la imiga suerte al misero pastor avia conducido, llevado de natural piedad solicitando su descanso, procuró recogerle en su encantada casa, donde a su pasion sin remedio diesse sepultura. Con este intento salio un dia de aquel jardín alegre al valle donde Almeno tenia su cabaña, y hallándole sepultado en un pesado sueño le llevó en los braços sin despertalle, hasta que pensando el pastor bolver a su antigo llanto se halló en la compañía del Sabio, que informado de su patria, amor, y vida, con la causa de sus pesares escrivio su larga historia, bien que en discurso breve, encerrandola en el lugar que los pastores allando el Epitafio que queda en la primera parte, creeron ser el verdadero sepulcro de su amigo⁴⁵.

Neste volume, a presença da magia, de espaços e de personagens mágicas atinge uma proporção muito mais significativa. Esse significado pode ser medido em termos de implicação accional, condicionando e conduzindo certos passos de Almeno. Tal facto implica uma perda de verosimilhança na causalidade típica do género pastoril, baseada numa relação de causa-efeito mais declarada. A utilização do anel mágico, por exemplo, faz com que a narrativa passe a ser discutida já não em termos de realismo ou de idealização, mas em termos de universo narrativo alegórico, conduzida por uma causalidade mágica⁴⁶.

Para além desta anotação inicial, esta *Segunda Parte* continua o desenvolvimento do tema do engano amoroso. O fio narrativo seguirá agora de mais perto a figura da pastora Isbela, resignada ao seu destino⁴⁷. O seu canto é de profunda tristeza, comovendo as suas companheiras com a convicção da sua fidelidade à lembrança de Almeno e com a recusa das propostas de Roselo e de Amintas:

44. *Ibidem*, 260.

45. *Segunda Parte da Esperanza Engañada*, f. 1, continuando nas ff. 1v-2: «A cuya vista después de aver leydo los engañosos versos, vencidos del sentimiento de su muerte, a que con copiosísimas lagrimas hizieron exequias, se detuvieron en la confusion de su pena, hasta que mas triste, y melancolica, a sus ojos, que otras vezes salio la noche, sino acompañada de truenos espantosos, vestida de tinieblas oscuras, y pobre de la luz que suele prestarle Cinthia, ayudada del canto discorde de las nocturnas aves; quando despiertos del profundo parasismo de su tristeza en que el imaginado fin de su amigo les avia puesto, sin decir palabra, que los repentinos males atan la lengua, partieron llorando los pastores cada uno por su parte, no admitiendo compañía, que si a unos sirve de alivio, no era aquel tiempo de procurarlo, mas aumentar por aquellas soledades su sentimiento».

46. Fl. 7. Sobre o assunto, cf. Angus FLETCHER, *Allegory: the theory of a symbolic mode*, Ithaca/London, Cornell University Press, 1982.

47. *Segunda Parte*, f. 6v: «Agora jusgue el entendimiento del leytor piedoso el sentimiento de la pastora triste, que yo por no atreverme à tantos suspiros, lagrymas, y llanto con que enternecio al mas duro mármol, no procuro escrivirlos; solo sé que con el fin desta historia la tuvieron en el de la vida con tantos desmayos, que fue necesario llevarla al lecho donde estuvo muchos dias acompañada de las naturales pastoras, que no sabian aconsejarla en sus desgracias, mas como la continua tristeza perturba el entendimiento, y quita la vida, aunque ella la aborrecia, la obligaron a salir al monte, aonde cubierta de luto, y con el alma mas enlutada, fue con algunas amigas (...)».

Toda mi gloria es perdida,
 Y lo que mas me consuela,
Que el tiempo que passa, y buela
 Llevará presto la vida
 En tu ausencia (...) ⁴⁸.

Resolvida a deixar o vale e a não voltar, contou à sua companheira Beliza, que insistia em acompanhá-la, a intenção de se retirar para o mesmo lugar de exílio de Almeno e os pressentimentos que lhe alimentavam alguma esperança:

De Celio sabemos donde mi gallardo pastor acabó la vida, alli quiero gastar la mia, y ver su sepultura, que me ha llegado un pensamiento estraño, nacido aunque de fundamento breve de un amor dilatado; y es, que o fuesse fuerça de imaginaciones mias, o ilusion de la fantasia, acostandome envuelta entre cuydados tristes, me vencio el sueño, en cuyo tiempo me parecio ver a Almeno vivo, consolandome en mis penas con esperanza de verle, preguntele si verdaderamente era muerto, respondiome, alegre que no, mas que mientras yo no le sacasse donde estava, le era imposible bolver a verme; quise saber el lugar, y desperté confusa y mas cansada, que alli aunque mentidas me servian de glorias sus razones ⁴⁹.

A sua persistência começou por ser recompensada pelas notícias que teve de Almeno ⁵⁰, partindo sem demora à procura da Cova mágica do Sábio Lusidoro. O desenrolar da acção vai-se conjugando para o possível encontro de Isbela e de Almeno, aquela cheia de ditosas esperanças, e este libertado por Lusidoro, que na despedida lhe oferece um anel mágico, que tornava invisível quem o trazia em certo dedo ⁵¹.

Contudo, a estrutura desta segunda narrativa apresenta, para além da acção mágica, um fio narrativo estruturado em termos de opositores e adjuvantes de forma mais explícita. O leitor não tem dúvida do amor que ainda liga Isbela e Almeno, mas vai assistir a um conjunto de situações e à acção de personagens, claramente no papel de opositores, que em vez de conduzirem à aproximação dos pastores, prolongam e preterem dolorosa e deliberadamente o seu encontro. Desde o início, que Roselo e Silvano se colocaram nesta categoria, tendo sido os amores do primeiro recusados por Isbela, caindo de «zelos» por Amintas, mas também por Almeno ⁵². Por entre raivas e ciúmes, Isbela vai seguindo o seu caminho, chorando na sepultura de Almeno e conquistando a amizade do pastor Amintas, ignorando a teia de falsidade e de mentira que em seu redor se foi tecendo.

48. *Ibidem*, f. 7.

49. *Ibidem*, ff. 14v-15.

50. Aquando da descrição do Templo, são estas as palavras de Lusidoro sobre o próprio Almeno: «El otro es el pastor Almeno cuyas partes engrandecen las riberas del cristalino Pavia, que ausente por voluntad de su Isbela, vino allarle casada, viendosse desdeñado y puestas las amorosas acciones de su passado amor en las agoas turbias del pezado olvido. Dexó la patria, amigos, y parientes escogiendo la soledad de un bosque que aquí está cerca, donde hazia tan aspera vida, que condolido della, determiné recogerle a aquestos jardines como lo hize, hallandole en un profundo sueño, dexando en la cueva por do entramos, que le servió de sepultura un breve epilogo de su vida, y la ocasión de su fingida muerte; pero después que aquí le tengo van en tanto aumento sus amorosos accidentes, que Isbela es el fin de sus imaginaciones, el centro de su cuydado, y descanto de su pena, y aunque sé que en algun tiempo ha de bolver a sus ojos, determino devir- tir sus pensamientos a uno, y otro, y como la belleza es el mas fuerte, y atractivo iman de todas voluntades, los traygo a tu preferencia, porque engañados, y devirtidos con tu rara hermosura, olviden otro tormento»; *ibidem*, f. 42.

51. *Ibidem*, f. 94v.

52. *Ibidem*, f. 81v: ao saber que Almeno vivia, diz Roselo que «sabe Dios que no me peza ser Almeno vivo, mas que no seja yo muerto».

Até ao final da narrativa, sucedem-se os momentos de desencontro. Contrariamente ao que aconteceu no primeiro volume, a imagem de Isbela mantém-se impoluta e irrepreensível contra um Almeno que oscila em dúvidas sucessivas, reagindo impulsivamente.

O primeiro momento acontece quando se anunciam as festas «que de alli a pocos dias en los campos del agradable Pavia celebravan los pastores»⁵³. Ao chegar às praias do Pavia e não querendo ser reconhecido, Almeno coloca o anel no dedo e assim encoberto chega à festa dos pastores, tudo podendo ouvir e observar. Assim, quase «desmaiou» de tristeza quando Roselo e Silvano comentaram o suposto caso de Isbela e de Amintas e não sossegou de todo as suas dúvidas com o respeito que Isbela exigiu do pastor despeitado⁵⁴.

A segunda situação acontece já na cidade. Esclarecido por Amintas sobre a honestidade de Isbela⁵⁵, Almeno chegou ao suposto destino da pastora e da sua companheira Pinarda, um convento de monjas. Aí, de todo desenganado de algum dia cumprir o seu amor, desmaiou e foi recolhido por Doristo, cavaleiro nobre, cuja história feliz com Arsinda já acompanhámos⁵⁶.

A partir do Livro Quinto, os acontecimentos precipitam-se. Dorindo regressou para a aldeia com Almeno, procurando consolá-lo na impossibilidade de realizar o seu amor com Isbela:

Isbela no era tuya, que las mudanças con que el tiempo pervertió tus intentos, las machinas que se opusieron a tu gusto, y los imposibles caminos con que amor te impidió el medio de alcanzarla, siempre fueron presagios de semejantes fines. (...) «Atento estava Almeno a las razones de su amigo, mirando claramente tantas verdades, tan tarde conocidas, y cayendo en la cuenta de sus desvarios, determinó sinó aborrecer a su antiguo, y verdadero amor, buscar algun medio de olvidalle, teniendo por mas acertado parecer inconstante, que loco en seguir sus imposibilitados pensamientos (...)»⁵⁷.

Foi com esta intenção de esquecer Isbela, que Sílvia, «graciosa, y cortezana pastora» entrou repentinamente na sua vida. Porque agora se sentia livre, «con vista alegre rendia a sua gracia nuevos deseos, dando a la pastora floridas esperanzas»⁵⁸.

Ao mesmo tempo, Isbela, que o narrador deixara em companhia das ninfas do Pavia, ansiosa para saber do seu amor, regressa também à aldeia. A situação é semelhante à anterior. Mas agora é Amintas que, confessando ainda o seu amor, tenta chamar a pastora à razão:

53. *Ibidem*, f. 91v.

54. *Ibidem*, ff. 109v-110v.

55. *Ibidem*, ff. 116-118.

56. O pai de Pinarda recolhe as duas donzelas numa quinta e não num convento, como erradamente indicaram a Almeno. Mas Isbela segue o seu caminho à procura de Almeno. Entretanto, escutando os cantos das ninfas do Pavia, entre elas permanecerá, contando-lhes da sua história e das suas esperanças, *ibidem*, ff. 121-134.

57. *Ibidem*, ff. 144v-145.

58. *Ibidem*, f. 152. O encontro com Sílvia decorre da hospedagem que Almeno e Dorindo recebem de Alcido, que algum tipo de relação amorosa teria com a pastora. É como amada de Alcido que os pastores lhe dirigem os seus cantos. Almeno recorda a sua juventude: «(...) aquella era la bella Sylvia, natural de su Aldea, compañera, y amiga de Isbela, y mas pastoras de sus valles; entre las quales era la mas ayrosa, mas grave, y honesta de todas, de nuevo bolvieron a sus amorosas, y cortezes palabras, mostrando de una, y otra parte las lagrimas alegres la natural fuerça del amor de la patria, y juventud primera. No quitava Almeno los ojos della, juzgándola por mas hermosa, y mas discreta, que quando em su campaña repastava ganado o porque entonces no mirava con ojos livres, o porque avia tan largos tiempos que andava desterrado; por esta causa ignorava tambien la de sus mudanzas, que mostró en estas razones», *ibidem*, f. 149v. Às palavras interessadas de Almeno, Sílvia revela o seu segredo: que desde a sua juventude Almeno foi o seu amado, mas também viu como ele punha o seu cuidado em Isbela. Deixou a aldeia porque «no quize que la tierra donde tus ojos me davan vida, me diesen tus memorias muerte, y assi me despuse a dexarla, llegando a esta Aldea, donde ay algunos años que en compañía de mi ganado, apaciento por estas soledades memorias tristes, y pensamientos dulces, sin aver cosa que me alegre, pastor que con musicas me divierta, ni diferente afición que pueda obligarme», *ibidem*, f. 150v.

Yo como fiera por estos montes sin usar de alguna compasion commigo, passé hasta agora la mas aspera vida, y intolerable pena, que pueden sustener fuerças humanas, y agora que mas desesperado, con solo imaginar tu belleza, me entretenia, veo que no sin causa te encaminó mi suerte donde olvidando tu condicion dura a vista del tormento que por ti he padecido, tengas piedad de una alma que en ti vive, de un coraçon que por ti no me acompaña, y de mis ojos que no por templar el fuego que me abraza, mas por sentir tu ausencia, se convirtieron en corrientes rios: Mira Isbela como a una esperanza te sucede un desengaño, a un contento mil pezares, como contrastan los Cielos tus intentos, que mal se cumplen tus deseos, y que alfin parece que no permite el Cielo que Almeno sea tuyo, considera lo que te cuestan cuydados tan largos, y amor tan envejecido, y que el tiempo aunque siempre se renueva, haze en nosotros muy diferentes affetos. Esto escuchava la pastora sintiendo alguna razon en las palabras de Amintas (...) ⁵⁹

Isbela sentiu alguma razão no aviso do pastor, mas não diminuiu a grandeza do seu amor. E com este facto não contava Sílvia, um dos poucos exemplos de clara e cruel vingança das novelas pastoris. A aldeia será o ponto de regresso das personagens e o cenário escolhido para o drama terrível, também tão inusitado no refinamento urbano, discreto e cortês das novelas pastoris.

Sílvia, «ignorante del tormento que buscava, y confiada en los sabores del tiempo»⁶⁰, ao visitar Beliza, acabou por encontrar Isbela, a sua tão antiga rival. Cobrando alento, «les dixo muy de espacio todo lo que en su sabor avia rodado la inconstante fortuna, como avia hospedado en su cabaña a los dos amigos, y venia en su compañía, para que con publica festa, y comun contento de todos el deseado Almeno fuesse su esposo»⁶¹. Isbela ficou confusa, tanto confiava no seu amor, mas a vida e o desengano constante trouxeram-lhe o amadurecimento necessário, a paciência e a argúcia para não acreditar de momento na ousadia de Sílvia e para se certificar, sem pudor, dos verdadeiros sentimentos de Almeno.

Sem conciliar o sono, procurou a cabana de Dorindo e a sua canção de amor ecoou no coração de Almeno: «Este descurso, y breve imaginacion le arrebató de suerte al entendimiento, que olvidado de quantos pensamientos sus muertas esperanzas produzieron, se levantó del humilde lecho donde estava, y saliendo a recibir a su querida prenda con la fuerça de su antigo amor, en lugar de otras palabras le habló en estos repentinos versos»⁶².

Entre queixas e protestos de amor⁶³, acertam que no primeiro dia de festa dos pastores se celebrassem as venturosas bodas. Com o sucesso também se alegra Dorindo, companheiro inseparável de Almeno, «viendo a tan largo amor fin tan impensado»⁶⁴.

Chegou o dia combinado. Mas a inveja de Sílvia «vino a inventar la mas extraordinária traça que nunca en pecho de mugeres cupo»⁶⁵. E quando Isbela, «llena de gusto, y confianza con todo el acom-

59. *Ibidem*, ff. 165v-166.

60. *Ibidem*, f. 167.

61. *Ibidem*, f. 167.

62. *Ibidem*, ff. 168v-169.

63. Isbela acusa Almeno de falta de sentimento, «(...) que ya tu firmeza no es la que he alcançado en los tiempos dichosos que me querias, ya no eres el que contra los poderes de la fortuna me solicitavas, mas no te doy culpa, que grandes desvios son la nieve de amor, y largas esperanças suelen ser enfadosas», *ibidem*, f. 169v. Contra os argumentos de Almeno, Isbela responde com as esperanças que Sílvia lhe manifestara em ser sua esposa. Mas Almeno insiste no seu amor: «No lo creas Isbela (...) ni el Cielo permita cosa tan injusta, faborecila, es verdad, pensando que en tus desengaños tomaras mas seguro puerto, mas agora que en tus hermosos ojos veo el deseado fin de mis pensamientos, el propio, y natural centro de mis cuydados, el descanso de mi destierro: a quien quieres tu que quiera, o a quien pediré yo el coraçon que me falta, y la satisfacion de tan cansada vida», *ibidem*, ff. 169v-170.

64. *Ibidem*, f. 170.

65. *Ibidem*, f. 170v. Sílvia, sabendo dos ciúmes de Roselo, pede-lhe ajuda e urdem o seguinte plano: pela noite, rendida

pañamiento de los zagales aquella parte donde se avian de celebrar sus deseadas bodas⁶⁶ deu a sua mão a Almeno, foi um Roselo furioso e atrevido que reclamou em voz alta: «Isbela no puede ser tu esposa, porque lo es mia»⁶⁷.

O Livro termina com o desenho da tristeza que resultou da intriga de Sílvia, não deixando o narrador de dizer da sua justiça sobre o assunto:

(...) quedando todos admirados, se desmayó Isbela, perdió el sentido, y la color el desdichado Almeno, y en vengança de la inocente pastora dio la mano de esposo a la industriosa Sylvia, quedandosse Roselo sin Isbela llorando su desgracia, que si con engaños algunos favorece la fortuna, suelen los demas quedar-se con el arrepentimiento de sus traças⁶⁸.

Mas as vinganças não se ficaram por aqui, como anunciou a sentença do narrador. Com Isbela afastada do seu caminho, ferida e humilhada, Sílvia teve o seu momento de celebração. Conquistado o amor da sua juventude, a pastora festeja e canta alegremente a sua fortuna tão favorecida, de uma forma tão inconsciente como o modo com que urdiu a mudança de um destino anunciado que não lhe era favorável. E o castigo não tardou, tão rápido como forte seria o repúdio do código da novela pastoril por comportamentos marcadamente desviados das regras sagradas da cortesia e da discrição.

Quando bebia água, na hora da boda, a desgraçada Sílvia caiu desfalecida; acharam depois o vaso envenenado, diabólica invenção do desdenhado Alcido⁶⁹. Quanto a Almeno, culpado por não acreditar no amor puro de Isbela e pelo modo precipitado e irreflectido como ofereceu a mão a Sílvia, não escapou a castigo menor:

(...) luchando com las suyas [penas] estava embeleçado el miserable Almeno descurriendo con la fuerça de la triste imaginacion sus desventuras, y aunque provaron sus amigos a consolarle, no solo les faltó con respuesta, mas después de un breve espacio, perdiendo con el dolor del alma el perfecto juicio, salió furioso por entre aquellos arboles, rompiendo los vestidos, diciendo mil disparates, y locuras⁷⁰.

Mais uma vez, Isbela abandona a aldeia para procurar um qualquer lugar de solidão. Num penhasco côncavo, que lhe pareceu acomodado aos seus desejos, achou uma pequena ermida. Entrou e prostrou-se diante de uma imagem formosa da Virgem Imaculada, alumada com uma pequena lâmpada. Reconheceu Pinarda na eremita hirsuta⁷¹ que a surpreendeu nas suas orações e resolvem viver recolhidamente naquele lugar.

A sua solidão só foi incomodada por uma figura enlouquecida e irreconhecível. Na sua loucura, sem saber o que fazia, Almeno tinha colocado no dedo o anel encantado e tinha-se tornado invisível para quantos o procuravam. Mas as duas conseguiram atar-lhe as mãos, reconhecendo as formas de um corpo humano e tiraram-lhe o anel.

Isbela ao sono, Sílvia tomara as suas roupas e em seu nome casaria com Roselo, devendo também ele procurar testemunhas. Roselo ficou triste e suspenso, mas pôs o plano em acção na noite seguinte. Três pastores que escutaram o fingido diálogo entre Sílvia e Roselo, admirados e ignorantes do enredo e da trama que se urdia, ouviram a suposta Isbela prometer ser esposa de Roselo.

66. *Ibidem*, f. 174.

67. *Ibidem*, f. 174.

68. *Ibidem*, f. 174v.

69. *Ibidem*, f. 176v.

70. *Ibidem*, f. 176v.

71. Eremita hirsuta é um eufemismo, pois o termo para designar a figura de Pinarda, depois de tanto tempo de recolhimento, foi de «espantoso monstro», que sobremaneira assustou Isbela, *ibidem*, f.186v.

Foram as palavras sentidas de Isbela, ao reconhecer Almeno, que o trouxeram novamente à razão:

Ay sin ventura Isbela, que quando la fortuna trás tantos tormentos, y costosas penas, te muestra el bien que deseaste; es para matarte con su sentimiento. Almeno el mas cuerdo, el mas discreto, mas galan de todos los pastores loco, y trocado? Son castigos que mereces al Cielo que no sabe errar en sus intentos, y volviéndose al triste Almeno, le dixo tantas lastimas, derramó tantas lagrimas, y hizo tales estremos, que al pastor le ivan sosegando el pecho, y enterneciendo el alma, de manera, que quando la Aurora primero en aquel monte manifestó sus candidos y hermosos rayos, y todo claramente se devisava, abrieron las puertas de la sagrada Hermita, mirando con mas tento al pastor desdichado, que tanto que vió el rostro hermoso de su querida Isbela, como si el sol de sus ojos rompiera el velo oscuro que impedia su claro entendimiento, volvió repentinamente con notable admiración de las dos compañeras a su antiguo acuerdo, cobrando el perfeto juicio que avia perdido (...)⁷².

O final da narrativa, perante os acontecimentos, só poderia ter um sentido e esta escolha, a da conversão do amor profano ao amor divino, pode ter um significado particular na evolução final do género pastoril no maneirismo português.

Sentenciosas são as últimas palavras de Isbela, ao escolher o recolhimento depois de tão sofrido desengano, sem encontrar culpa que a condenasse:

Bien creo pastor mio, que no en vano encaminó la ventura mis sucesos a aquesta parte, y que el Cielo que después de tan tragicas historias te buelve ante mis ojos a tu primero estado: gusta que tenga verdadero effeto mi dichosa esperanza; mas considerando que poco dura el bien, que largos e pezados son los males, quan frágil es la felicidad humana, me satisfago con verte, y conocer que de lo que te quiero tienes conocimiento, que no te he ofendido, ni engañado, que en toda mi vida, y en cualquier estado te he querido. Agora permite charo Almeno mio, que estas sierras que començaron a ser piedoso alvergue de mi cuerpo triste, vengan a ser dichosa sepultura, donde el breve curso de mi vida quiero con aspera penitencia desengañar al mundo de lo poco que vale su mayor alegria⁷³.

Almeno, já lúcido, reconhece a validade da escolha de Isbela e resolve seguir as suas razões. E com o destino de Almeno termina esta *Segunda Parte* de esperanças tão enganadas.

Y cessando con estas razones determinó en gratificación de la merced que el Cielo le avia hecho, recogerse a un Convento de Monjes, y gastar en diferentes ejercicios el tiempo que hasta alli tan mal avia despendido, y despediendosse sin mas detenerse de su estimada pastora, y hermosa Pinarda, se apartó con las lagrimas en los ojos de aquellos montes, dando a entender a quien le conocia, que de largos años de un mal fundado amor, solo se cogen engañadas esperanzas, y ciertos desengaños.

Conclusões

Ao longo destes dois volumes da *Esperança Engañada*, de Manuel Fernandes Raia, a presença de um tema orientador da narrativa permitiu provar a lição edificante com que termina a *Segunda Parte*: que a esperança é um engano, mas um engano doce à alma, perseverante e insistente. Quanto ao desengano, resultante da mais profunda consciência da vanidade da esperança, que

72. *Ibidem*, ff. 186v-187.

73. *Ibidem*, f. 187v.

parecia poder resultar numa resignação à vivência da solidão e da tristeza, acabam por sofrer nesta saga de Isbela e de Almeno uma conversão um tanto imprevisível.

E esta inovação, apesar do exemplo da conversão do universo pastoril ao divino já apresentada com a *Lusitânia Transformada*, em 1607, exige uma reflexão mais aprofundada sobre os desvios que a novela pastoril portuguesa tomou sobre o rígido código da convencionalidade da pastoral. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que a *Segunda Parte* da *Esperança Engañada* foi publicada em 1629, podendo ser considerada a última novela pastoril do maneirismo português, depois de *Os Campos Elísios* de João Nunes Freire, publicada em 1626.

Se a primeira parte, publicada em 1624, se enquadrava no código do género narrativo pastoril já com desvios significativos, já a segunda parte ultrapassa os desvios de simples adequações exigidas pela verosimilhança. Observou-se como a escolha do espaço, entre o rio Pavia e a Serra da Estrela, proporcionou exóticas paisagens de neve, um cenário frio e povoado de lobos, mas acolhedor nas lareiras onde se assavam as castanhas nas longas noites de Inverno. O espaço exigia uma descrição conforme e, de qualquer modo, o Segundo Livro recuperou a natureza primaveril idílica modelada pela Arcádia. Já não nos parece que a verosimilhança possa justificar o final da primeira parte da *Esperança Engañada*, quando Dorindo e os pastores da aldeia se deparam com os sinais da morte de Almeno, o mais discreto pastor do Pavia. Se observarmos o final das novelas pastoris, com frequência verificamos que a procura voluntária da solidão, depois do fracasso e do desengano amoroso, caminho desde logo indicado por Lerenio, *O Desenganado*, em 1614, cumpria com a melancolia maneirista provocada por qualquer impossibilidade de uma completa realização amorosa. Mas a sepultura de Almeno, ladeada de ciprestes, naquela clareira isolada, tem ressonâncias que ultrapassam a descrição-modelo do pastor, melancólico, pronto a desmaiar de pranto e de infelicidade amorosa, mas onde a irrecuperabilidade da morte ainda não se instalara.

A *Segunda Parte* apresenta uma evolução temática significativa, situando-se na exacta década de transição entre a poética maneirista e a poética barroca. Os sinais desta mudança, sobre uma ficção, um cenário e um espaço que se pretendem pastoris, são evidentes. Em primeiro lugar, nunca a causalidade mágica teve tal impacto, destruindo a verosimilhança da acção da narrativa pastoril, uma vez que subverte a lógica do mimetismo do fluir natural dos acontecimentos e impõe regras que se tornam inesperadas e insólitas, opostas à probabilidade.

Em segundo lugar, a caracterização das personagens radicaliza-se de uma forma que vai tornando difícil manter como actuação normal a cortesia e a discrição ou a costumada solidariedade cultivada no *otium*, no trato amoroso e na viagem. Seguindo os termos de Angus Fletcher⁷⁴, segundo o qual a narrativa alegórica tende a reproduzir um modelo simples de acção, dividindo-se em dois modelos accionais de base, *battle* e *progress*, é possível claramente verificar como os caminhos de Isbela e de Almeno confluem para a aldeia, contornando obstáculos ou criando dúvidas que minarão as certezas necessárias no momento decisivo. Entre os protagonistas, a caracterização sofreu alterações na *Segunda Parte*. Se Isbela parecera mais frágil, não resistindo ao casamento com Ricardo, apesar das promessas de amor que deixara a Almeno, surge agora mais decidida a não perder o seu pastor uma segunda vez, sobretudo depois de em sonhos lhe ter sido anunciado que estava vivo. O seu amor é pleno, sem fissuras, resistindo à imposição de Roselo mas também à doçura de Amintas. Quanto a Almeno, a situação inverteu-se: a total confiança que tinha na sua pastora parece que agora não resiste à dissimulação de Roselo e Silvano, nem à intriga de Sílvia.

74. *Allegory...*, 150.

Mas a diferença fundamental reside na presença de personagens marcadas por um carácter pouco digno do pastor ideal definido por Alexander Pope, «when a notion of quality was annex'd to that name and the best of men follow'd the employment»⁷⁵. Em relação ao amor de Isbela e de Almeno, é possível estabelecer claramente opositores e adjuvantes, sendo que os primeiros são caracterizados de forma extremamente negativa: ciumentos e arrogantes, irados e vingativos, traiçoeiros e dissimulados. De uma forma explícita, a narrativa torna-se campo de batalha entre o percurso amoroso de Almeno e Isbela e uma sucessão de situações adversas, ou seja, entre o Bem e o Mal, dualidade que marcará definitivamente a passagem para a novela alegórica barroca.

Em terceiro lugar, mais significativo se torna ainda o episódio final, quando Isbela e Almeno convertem o seu destino ao serviço divino, manifestando deste modo a descrença numa felicidade conseguida através do amor profano, incapaz de inteireza e fidelidade, abrindo fissuras a cada embate da fortuna e a cada acidente do destino. A conversão do universo pastoril ao divino já não era uma novidade, constituindo a marca distintiva da *Lusitânia Transformada*, de Fernão Álvares do Oriente, de 1607, e, como já foi referido, um dos modelos da novela pastoril portuguesa. Mas as diferenças são óbvias. Na *Lusitânia Transformada*, esta conversão é um dado adquirido desde o início da narrativa, sendo o pastor Felício que afirma a transferência do seu canto para o louvor de Deus, mais alto assunto, frequentemente se estabelecendo a oposição entre a instabilidade do amor humano e a segurança da misericórdia divina.

Não é o que acontece nesta *Segunda Parte* de Manuel Fernandes Raia. A narrativa esgotou todas as possibilidades da esperança amorosa, antes de concluir da sua inevitável falência. O sentimento humano, chamado amor, frequentemente se confundiu com a vingança mesquinha, com a ambição sem limites e redundou em loucura. As últimas palavras de Isbela, considerando «que poco dura el bien, que largos y pezados son los males, quan frágil es la felicidad humana», «donde el breve curso de mi vida quiero con aspera penitencia desengañar al mundo de lo poco que vale su mayor alegría», resumem e fecham este universo narrativo ainda pastoril. Mas abrem um mundo alegórico de carácter moral e edificante, caminho que a narrativa ficcional barroca escolherá preferencialmente.

75. Alexander POPE, «A Discourse on Pastoral Poetry», in *The Works of Mr. Alexander Pope* (1717), transcrito em Bryan LOUGHREY (org. e ed.) *The Pastoral Mode*, 1ª ed., London, Macmillan, 1984, 50.